

O CURSO DE GEOGRAFIA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DO PIAUÍ (1958-1971)

COURSE OF GEOGRAPHY AT THE CATOLIC FACULTY OF PHYLOSOPHY OF PIAUÍ (1958-1971)

Pedro Henrique Teixeira Carvalho

Pós-graduando em Geografia do PPGGEO (2022-2024) da Universidade Federal do Piauí

E-mail: pedro201543@outlook.com

Josélia Saraiva e Silva

Doutora em Educação e docente do PPGGEO da Universidade Federal do Piauí

E-mail: joseliasaraiva@yahoo.com.br

RESUMO

Objetivou-se com este trabalho analisar o contexto acadêmico da institucionalização da Geografia, através do curso de formação de professores, no estado do Piauí, bem como, a corrente do pensamento geográfico que orientava o curso. Os caminhos trilhados para a elaboração do trabalho se deu com a coleta de dados a partir de pesquisas bibliográficas e documentais, além da utilização de questionário *online*, buscando responder às questões norteadoras. Os resultados apresentaram que o contexto da institucionalização dessa ciência no Piauí era de busca por mudanças culturais no estado e na cidade de Teresina. Além disso, apresenta que o ingresso no curso se dava através de vestibular e inicialmente tinha duração de três anos divididos em três séries. A maioria dos alunos do curso era do estado do Piauí. Os professores em sua grande maioria vinham do Liceu Piauiense e possuíam diferentes formações. As aulas se desenvolviam através da exposição verbal, com uso de referências clássicas estrangeiras e brasileiras. Traz também características sobre o currículo, a presença de máximas e princípios da Geografia, a participação em eventos científicos e trabalhos de campo, além do convívio social dos tempos da FAFI e sua contribuição na vida de seus ex-alunos e para o estado.

Palavras-chave: formação de professores; História da Geografia; Piauí.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the academic context of the institutionalization of Geography, through the teacher training course, in the state of Piauí, as well as the current of geographic thought that guided the course. The paths followed for the elaboration of the work took place with the collection of data from bibliographic and documentary research, in addition to the use of an online questionnaire, seeking to answer the guiding questions. The results showed that the context of the institutionalization of this science in Piauí was a search for cultural changes in the state and city of Teresina. In addition, it shows that admission to the course was through entrance examination and initially lasted three years divided into three series. Most of the students on the course were from the state of Piauí. Most of the teachers came from Liceu Piauiense and had different backgrounds. The classes were developed through verbal exposition, using classic foreign and Brazilian references. It also brings features about the curriculum, the presence of maxims and principles of Geography, participation in scientific events and fieldwork, in addition to the social life of FAFI times and its contribution to the lives of its former students and to the state.

Keywords: *teacher training; History of Geography; Piauí.*

INTRODUÇÃO

A década de 1950, para o Piauí, representa um marco de mudanças. Isso se deu, principalmente, com a chegada de arcebispo de Teresina Dom Avelar Brandão Vilela, que possuía novas visões de mundo e se engajou na busca de transformações dentro da sociedade piauiense (Freitas Filho, 2003).

Foi a partir disso, que se teve a criação, em 1957, de uma Faculdade de Filosofia no Piauí. Com a criação dessa faculdade passa-se ter a formação de bacharéis e, posteriormente, licenciados em diversas áreas, entre elas a Geografia. Com isso, se tem profissionais habilitados para trabalharem, na época, no ensino secundário e com novas visões de mundo adquiridas a partir de suas respectivas áreas de formação.

O presente texto traz os resultados finais de uma pesquisa desenvolvida durante um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do departamento de Geografia da Universidade Federal do Piauí. O estudo teve por objetivo geral analisar o contexto acadêmico da institucionalização da Geografia, através

do curso de formação de professores, no estado do Piauí, bem como, a Corrente do Pensamento Geográfico que orientava o curso.

Este trabalho torna-se importante uma vez que pesquisas sobre esse tema ainda são pouco abordadas no meio acadêmico, constituindo-se como uma lacuna nos estudos sobre formação docente no Piauí. Também, os resultados contribuíram para ampliar a discussão durante as aulas nos cursos superiores, onde se percebeu que ao procurar trabalhos para se entender a história da formação de professores de Geografia no Piauí, pouco ou nada se tinha de estudos na literatura disponível. Acrescenta-se ainda que resgatar a história de uma disciplina é condição *sine qua non* para entender-se como acontece a formação de professores e a organização dos cursos de Geografia atuais, uma vez que se entende que o presente reflete o resultado de um processo histórico.

Além disso, é importante entender-se as características teórico-metodológicas que ensejaram o funcionamento de um curso superior em Geografia no estado do Piauí, haja vista que nesse período havia correntes do pensamento que se constituíam em território brasileiro, convém, portanto, verificarmos qual delas predominava no Piauí. Ressalta-se, ainda, a satisfação que é trabalhar com o resgate de uma história ainda pouco conhecida e dar essa contribuição para a ciência geográfica piauiense.

Dado isso, salienta-se que a presente pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira etapa se deu através de consulta de dados documentais e bibliográficos sobre o curso de Geografia da FAFI, no Período de 1958 a 1971, a partir de pesquisas em acervos da cidade de Teresina, que buscaram encontrar respostas sobre a instalação, funcionamento e dinâmica do primeiro de curso de formação de professores de Geografia no Piauí. Os acervos definidos foram o Arquivo Público do Estado do Piauí, a Biblioteca Pública Estadual Desembargador Cromwell de Carvalho e Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco – UFPI. Além desses acervos, consultaram-se *sites* do Programa de Pós-Graduação em Educação da

Universidade Federal do Piauí – PPGED e outros, a fim de levantar artigos, dissertações e teses, que dessem pistas sobre a investigação realizada.

Na segunda etapa procurou-se verificar, principalmente, a Corrente do Pensamento Geográfico que norteava, mesmo que de maneira implícita, o curso de Geografia da FAFI. Para isso, investigaram-se ex-alunos remanescentes do curso de Geografia dessa instituição. Esses ex-alunos foram os sujeitos da investigação, uma vez que, por terem vivenciado o curso podem fornecer dados relativos ao contexto da Geografia acadêmica no período pesquisado. Destaca-se, também, que foram investigados apenas dois sujeitos, nomeados no trabalho de Rosa e Orquídea (nomes fictícios que visam preservar a identidade dos entrevistados), haja vista que, devido ao recorte temporal, alguns desses ex-alunos encontram-se *in memoriam*, outros não estão em perfeitas condições de saúde.

Desse modo, para levantamentos de dados com esses sujeitos, elaborou-se e aplicou-se um questionário de perguntas abertas com o uso da ferramenta *Google Forms*. A opção por essas ferramentas derivou do contexto de pandemia, que exige distanciamento social, cuidados rigorosos com a saúde dos idosos, além de se assinalar a resistência familiar em deixar que seus idosos entrem em contato físico com outras pessoas. Além disso, destaca-se que a escolha dessa ferramenta se deu pelo fato de os sujeitos da pesquisa sentirem-se mais à vontade para elaborar pensamentos e responder os questionamentos propostos sem a presença do pesquisador (Rodrigues, 2006).

Assim, após a aplicação dos instrumentos de pesquisa realizou-se a análise dos dados obtidos buscando atender aos objetivos da investigação. Para isso, procurou-se fazer uso da análise categorial de conteúdo, proposta por Bardin (1977).

A ORIGEM DA GEOGRAFIA MODERNA E AS CORRENTES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Foi somente a partir do século XVIII e, principalmente durante o século XIX, na Europa, que a Geografia passou por um processo de sistematização dos seus conhecimentos, e recebeu aportes necessários para ser reconhecida como ciência moderna. Um dos marcos históricos desse momento é sinalizado pela formação dos Estados modernos europeus durante a idade moderna, a partir da crise que levou o Feudalismo ao colapso. Com o sistema feudal em crise, algumas regiões da Europa encontravam-se fragmentadas. A partir disso, nasceu a necessidade de unir esses fragmentos territoriais e colocá-los sob a autoridade de um governante. Foi nesse período que a Geografia teve papel importante para se pensar a união desses fragmentos, principalmente quando da criação de um sentimento patriótico e pertencimento a um só Estado (Suertegaray, 1997; Moraes, 2007; Braick; Barreto, 2018).

Além dos fatores acima citados, Moraes (2007) destaca outros três, que chama de “pressupostos históricos da sistematização geográfica”, que foram importantes para a sua sistematização no século XIX. O primeiro pressuposto foi o conhecimento da totalidade da terra derivado do período das Grandes Navegações, que permitiu uma articulação entre várias partes do planeta. O segundo pressuposto foi a criação de repositórios, que uniam conhecimentos dos territórios apropriados através da colonização. O terceiro pressuposto foi o desenvolvimento da cartografia, que era utilizada para localizar pontos estratégicos durante as navegações (Moraes, 2007).

É importante salientar também a contribuição de dois filósofos, cujos estudos, elaborados antes de toda essa dinâmica de sistematização da Geografia, influenciaram o pensamento daqueles que foram responsáveis por essa sistematização, a saber, Immanuel Kant (1724-1804) e Auguste Comte (1798-1857). Foi com base nesses filósofos, que os teóricos considerados como os “pais da Geografia Moderna”, como Alexandre von Humboldt e Karl Ritter, propuseram suas formulações e deram os caminhos para à formação do corpo teórico da ciência geográfica (Suertegaray, 1997; Moraes, 2007).

Alexandre von Humboldt e Karl Ritter eram prussianos, atual território da Alemanha. Humboldt possuía formação naturalista e, a Geografia aparece em suas obras através dos seus procedimentos de análise. Para ele a Geografia seria a síntese dos conhecimentos sobre a Terra. Seu principal método de análise era a observação. Em relação a Karl Ritter, este possuía formação em História e Filosofia e, em suas obras dá maior ênfase na questão metodológica. A Geografia de Ritter era uma Geografia da comparação entre diversas paisagens. Outro destaque desse teórico é a crença de que os lugares seriam predestinados a serem como são através das ordens estabelecidas por Deus. Estes dois autores foram responsáveis por formar “a base da Geografia Tradicional” e por dá “cidadania acadêmica” para a Geografia, a partir da criação de cátedras dessa ciência nas universidades (Moraes, 2007).

A partir dessa sistematização, ao longo dos séculos XIX e XX, de acordo com os contextos políticos, econômicos e sociais vigentes, a Geografia passa por diversas transformações, criando-se novas teorias e métodos e outras caindo em desuso, por não darem conta da realidade posta. Com isso, tem-se o desdobramento da Geografia no que se convém chamar de correntes do pensamento geográfico. Essas correntes sendo elaboradas a partir da busca de explicações para determinadas realidades e embasadas em diferentes concepções filosóficas e de métodos, tais como o Positivismo, o Neopositivismo, o Materialismo Histórico-Dialético, a Fenomenologia, entre outras (Suertegaray, 1997; Moraes, 2007).

Colocada por Moraes (2007) como Geografia Tradicional ou Suertegaray (1997) como Geografia Clássica, essa corrente do pensamento engloba todo o conjunto de produção geográfica que se desenvolveu até a década de 1950. No presente trabalho optou-se por chamar de Geografia Tradicional. Um ponto importante para se pensar a Geografia Tradicional é pensar o Positivismo elaborado pelo filósofo Auguste Comte (1798-1857). O Positivismo é a principal característica e fundamento dessa corrente do

pensamento geográfico. Além dessa, pode-se citar outras características, tais como a “[...] redução da realidade ao mundo dos sentidos” e a prática da observação nos estudos produzidos, esta última herdada do filósofo Immanuel Kant, citado acima. Moraes (2007, p. 39), destaca que:

[...] para o positivismo, os estudos devem restringir-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis, palpáveis. Como se os fenômenos se demonstrassem diretamente ao cientista, o qual seria mero observador. Daí a limitação de todos os procedimentos de análise à indução, posta como única via de qualquer explicação científica [...].

Destacam-se também como fortes características da Geografia Tradicional a presença de máximas e princípios. Entre as máximas pode-se destacar: ‘A Geografia é uma ciência empírica, pautada na observação’; ‘a Geografia é uma ciência de contato entre o domínio da natureza e o da humanidade’; ‘a Geografia é uma ciência de síntese’. Entre os princípios, ressaltam-se os princípios da unidade terrestre, da individualidade, da atividade, da conexão, da comparação, da extensão e da localização. Todos oferecendo pistas de como seria e se entendia os estudos em Geografia, dentro da Geografia Tradicional (Moraes, 2007).

Com isso, a partir dessas máximas e princípios, Moraes (2007) afirma que surgiram os famosos dualismos da Geografia. Esses dualismos separam os estudos de Geografia em duas visões, a saber: “[...] Geografia Física – Geografia Humana, Geografia Geral – Geografia Regional, Geografia Sintética – Geografia Tópica e Geografia Unitária – Geografias Especializadas” (MORAES, 2007, p. 43). Os mesmos têm permanecido ao longo dos anos e embasam os estudos geográficos, estando presentes até mesmo nos currículos e conseqüentemente nos cursos de Geografia.

A partir de 1950, a Geografia passou por um processo de renovação. Destaca-se que esse processo recebeu esse nome, a partir do momento que a Geografia desenvolvida até então não dava conta dos novos contextos da sociedade mundial e brasileira. Desse modo, a Geografia Tradicional entra em

um período de crise. A partir disso, surgiram outras correntes do pensamento geográfico embasadas em novas concepções filosóficas, que se propõem em analisar a realidade não mais pela perspectiva positivista (Suertegaray, 1997; Moraes, 2007).

Então, em busca de uma Nova Geografia surgiu uma corrente conhecida por esse nome, outras vezes sendo colocada como Geografia Pragmática e Geografia Teorético-Quantitativa. O embasamento teórico dessa corrente foi o Neopositivismo. Para essa Geografia, a Geografia Tradicional não era prática ou aplicável. A partir dessas formulações, a Geografia Pragmática procurou tornar a Geografia uma ciência aplicada. Para isso, fez uso da matemática, da estatística e da física para realizar seus estudos, sendo por isso chamada de Geografia Quantitativa (Suertegaray, 1997; Moraes, 2007).

Desse modo, pode-se pensar a Geografia Pragmática a partir de algumas palavras-chaves, como medição, matriz, quantificação, modelo, organização e planejamento. Não era, portanto, uma Geografia voltada para discutir problemas sociais, mas uma Geografia neutra e de mensuração. Assim, a Geografia Pragmática é entendida apenas uma continuidade da Geografia Tradicional, não passando de uma renovação do “discurso burguês” (Suertegaray, 1997; Moraes, 2007).

[...] Passa-se, de um conhecimento que levanta informações e legitima a expansão das relações capitalistas, para um saber que orienta esta expansão, fornecendo-lhe opções e orientando as estratégias de alocação do capital no espaço terrestre. [...] o pensamento pragmático e o tradicional possuem uma continuidade, dada por seu conteúdo de classe – instrumentos práticos e ideológicos da burguesia (Moraes, 2007, p. 110).

A partir disso, buscando entender a realidade por uma perspectiva crítica, e contrapondo-se à Geografia Tradicional e à Geografia Pragmática, surge então a Geografia Crítica, como outra corrente do pensamento geográfico. Nascida na Europa como Geografia Ativa, chamada nos Estados

Unidos de Geografia Radical, essa corrente do pensamento é conhecida no Brasil como Geografia Crítica. Teve como um dos seus principais representantes o geógrafo Yves Lacoste, ao escrever a obra intitulada *A Geografia – isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra* (Moraes, 2007).

Em sua obra, Lacoste (1989) evidencia a existência de duas geografias, a Geografia dos Estados - Maiores e a Geografia dos Professores. A Geografia dos Estados - Maiores seria um “saber estratégico” utilizado pelas minorias “como instrumento de poder”. Já a Geografia dos Professores seria a Geografia que foi sistematizada no século XIX, caracterizada por um “discurso ideológico”, uma Geografia descritiva, memorística, enciclopedista e enfadonha, que vai de encontro com a Geografia Tradicional. Lacoste (1989, p. 31) ainda diz que a Geografia dos Professores mascara:

[...] a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. Não somente nessa geografia dos professores é extirpada de práticas políticas e militares como de decisões econômicas (pois os professores nisso não têm participação), mas ela dissimula, aos olhos da maioria, a eficácia dos instrumentos de poder que são as análises espaciais. Por causa disso a minoria no poder têm consciência de sua importância, é a única a utilizá-las em função de seus próprios interesses e este monopólio do saber é bem mais eficaz porque a maioria não dá nenhuma atenção a uma disciplina que lhe parece tão perfeitamente ‘inútil’.

As provocações de Yves Lacoste caíram como um “prato cheio” nas mãos dos geógrafos brasileiros. Moraes (2007, p. 119), afirma que os autores desse movimento de renovação crítica “[...] se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando o seu saber como uma arma desse processo [...]”. No Brasil, esse movimento ganhou força principalmente entre décadas de 1970 e 1980, no período de declínio da ditadura militar no Brasil, quando geógrafos como Antônio Carlos Robert Moraes, Milton Santos, Ruy Moreira e outros, começam a produzir trabalhos de Geografia numa perspectiva mais crítica.

[...] Os geógrafos críticos, em suas diferentes orientações, assumem a perspectiva popular, a da transformação da ordem social. Buscam uma Geografia mais generosa e um espaço mais justo, que seja organizado em função dos interesses dos homens (Moraes, 2007, p. 132).

Partindo para outra corrente que surgiu com o movimento de renovação, discute-se agora a Geografia da Percepção. Moraes (2007) considera essa corrente como uma “veia” da Geografia Pragmática citada mais acima, pois diz que a renovação proposta por essa corrente é uma “renovação conservadora”. Porém, Suertegaray (1997) e outros autores a consideram como um movimento à parte da Geografia Pragmática. Esta corrente buscaria “[...] entender como os homens percebem o espaço por eles vivenciados, como se dá sua consciência em relação ao meio que os encerra, como percebem e como reagem frente às condições e aos elementos da natureza [...]” (Moraes, 2007, p. 114). Essa corrente vai de encontro ao como se sente o homem ao contemplar a natureza que o cerca e tem como principal embasamento a Fenomenologia. É uma Geografia mais introspectiva, voltada para entender a subjetividade do homem e a sua ligação com o lugar (Suertegaray, 1997; Moraes, 2007).

A DÉCADA DE 1930 E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA ACADÊMICA NO BRASIL

Do ponto de vista da institucionalização da Geografia no âmbito da universidade foi a partir da década de 1930, no Brasil, que a formação de professores ganhou força. Antes dessa data, a disciplina escolar geografia era ministrada, muitas vezes, por profissionais de outras áreas ou que possuíam notório saber, como médicos, advogados e engenheiros. Essa situação mudou a partir da criação de cursos específicos de cada licenciatura. Nasce, então, o sistema universitário, a partir do Decreto nº 19.851, de abril de 1931, com reformas no ensino superior brasileiro, implantadas pelo ministro Francisco Campos (Rocha, 2000).

As duas primeiras instituições brasileiras de ensino superior a ofertar o curso de formação de professores de Geografia foram a Universidade de São Paulo e a Universidade do Distrito Federal (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1934 e 1935, respectivamente. O curso embasava-se na perspectiva da Geografia Francesa, com influência de Paul Vidal de La Blache (Sampaio; Vlach; Sampaio, 2012). Tendo destaque ainda figuras como Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig e a contribuição dos dois para a constituição do corpo da Geografia acadêmica brasileira (Anselmo, 2015). Isso foi um salto importante quanto à contribuição para o desenvolvimento de pesquisas e melhorias no ensino de Geografia (Rocha, 2000).

Com a abertura dos cursos universitários de Geografia, tem-se o começo de uma nova fase, a acadêmica/universitária, com professores e alunos preocupados em desenvolverem a Ciência Geográfica, e torná-la cada vez mais independente, com seu próprio objeto de estudo e, ao mesmo tempo, mais 'útil' à sociedade (Sampaio; Vlach; Sampaio, 2012, p. 35).

Em 1934, o curso de Geografia e História da USP fixou o seu currículo, com regime de seriação de três anos. A partir de 1936, as primeiras turmas foram diplomadas, nascendo os primeiros licenciados formados no Brasil. Isso se tornou um fator decisivo na mudança cultural, surgindo professores formados e qualificados para ensinar geografia, "formação esta assentada numa concepção científica dessa ciência, bem como numa pedagogia renovada" (Rocha, 2000, p. 132).

Em 1939, o currículo de Geografia e História da USP ganhou uma nova roupagem, foi inserido mais um ano de disciplina, a disciplina de Didática, sendo esta de caráter opcional. Em 1946, com o Decreto-Lei nº 9.092, o curso, obrigatoriamente passou a ter quatro anos de duração. Os estudantes do curso superior, até então, saíam habilitados em Geografia e História, ou seja, existia uma única formação para as duas áreas. Em 1955, com a Lei nº 2.594, o curso de Geografia foi desmembrado da história, passando a serem ofertados dois cursos independentes (Silva, 2015a, 2015b).

Com a aprovação da LDB 4.024/61, ocorrida em 20 de dezembro de 1961, passou-se a exigir um currículo mínimo a nível nacional para os cursos de formação. Ao professor Newton Sucupira foi delegado à condição de relator do currículo para a geografia, o mesmo sendo aprovado em dezembro de 1962. O currículo ora aprovado passou a ter duração de quatro anos, composto por treze disciplinas. Dessas disciplinas, seis eram de caráter obrigatório e, entre as sete disciplinas restantes cabiam ao discente optar por fazer duas. As disciplinas eram: Geografia Física; Geografia Biológica ou Biogeografia; Geografia Humana; Geografia Regional; Geografia do Brasil; Cartografia; Antropologia Cultural; Sociologia; História Econômica Geral e do Brasil; Etnologia e Etnografia do Brasil; Fundamentos da Petrologia, Geologia, Pedologia; Mineralogia e Botânica (Rocha, 2000).

Em 1968, com a Lei nº 5.540/68, o ensino superior passou por um processo de reforma. Contudo, não trouxe mudanças significativas para currículo de Geografia proposto por Newton Sucupira, sendo “acrescentada a obrigatoriedade do ensino-aprendizagem das matérias pedagógicas, Educação Física e Estudos de Problemas Brasileiros” (Rocha, 2000, p. 134).

A partir disso, a USP foi ganhando cada vez mais destaque em âmbito nacional, constituindo-se como modelo a ser seguido pelas demais Instituições de Ensino Superior (IES) no país. Isso se refletiu, principalmente, na elaboração dos currículos de formação e estruturação dos cursos, não sendo diferente o curso de formação professores de Geografia. Assim, foi a partir do modelo da USP e das diretrizes legais estabelecidas, que a FAFI organizou seu curso de Geografia (Silva, 2015a, 2015b).

O CURSO DE GEOGRAFIA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DO PIAUÍ (1958-1971)

É unânime entre as pesquisas sobre a história da educação piauiense, que a FAFI representou um divisor de águas na educação e na sociedade piauiense. Instalada em 1958, atendendo os anseios da sociedade piauiense

e teresinense da época, teve como principal fundador o arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela, que a época estava na diretoria da Sociedade Piauiense de Cultura. A partir da criação desse órgão foram debatidos e criados diversos projetos para o estado do Piauí e a cidade de Teresina. A partir desse conjunto de projetos, foi pensada a criação de uma Faculdade de Filosofia, visando principalmente suprir a carência de professores licenciados para trabalharem no ensino secundário (Freitas Filho, 2003; PEREIRA, 2003).

Foi a partir desse processo de criação da FAFI, que se teve o início da formação docente em Geografia no Piauí. Após sua criação, a FAFI teve seu funcionamento provisório nas dependências do Colégio Sagrado Coração de Jesus, no turno da noite. Com o apoio do Estado, através do então governador Chagas Rodrigues, a FAFI foi transferida para o prédio do Grupo Escolar “João Gayoso”, localizado na Praça Saraiva, onde hoje funciona a Educação à Distância da UFPI. Durante seu funcionamento a FAFI foi dirigida por Clemente Honório Parente Fortes, jurista, e pelo padre Raimundo José Ayremorais Soares (Brito, 1996; Mendes, 2012; Abreu; Araújo, 2018).

Realizada essa recapitulação do contexto acadêmico do período da institucionalização da Geografia no Piauí, avança-se agora para a apresentação dos dados obtidos durante a pesquisa. Salienta-se que para a descrição e análise dos dados utilizou-se da criação de categorias a partir das proposições colocadas por Bardin (1977), como foi mencionado na metodologia. As categorias foram criadas com base nos dados bibliográficos e documentais encontrados e na mesclagem das perguntas contidas no questionário aplicado, o que resultou na elaboração de oito categorias. A primeira categoria foi “forma de ingresso e duração do curso”. A segunda categoria foi “perfil da comunidade acadêmica”. A terceira categoria criada foi “métodos e técnicas de ensino”. A quarta categoria foi “currículo”. A quinta categoria foi “referencial teórico”. A sexta categoria foi “máximas e

princípios da Geografia". A sétima categoria foi "eventos e trabalhos de campo". A última categoria criada foi "convívio social".

Em relação à primeira categoria, que se refere à "forma de ingresso e duração do curso", a entrevistada Rosa destacou que ingressou no curso em 1966 e o concluiu em 1969, tendo o curso duração de quatro anos. Já a entrevistada Orquídea destacou que ingressou no curso em 1963, mas teve de trancar, voltando novamente em 1964 e concluindo-o em 1967. Acrescentando que o ingresso no curso dava-se através de vestibular, tendo o curso duração também de quatro anos, divididos em séries, onde cada série possuía duração de um ano. O funcionamento do curso dividido em quatro séries começou a partir de 1963 e mais expressivamente a partir de 1964, portanto, no período em que as entrevistadas estudaram na instituição. Como se verá posteriormente, os primeiros seis anos (1958 a 1963) de formação em Geografia da FAFI se deu na modalidade de bacharelado, com disciplinas divididas em três séries (Rêgo; Magalhães, 1991).

Partindo para a categoria "perfil da comunidade" buscou-se na mesma entender quem eram os alunos e de onde vinham, assim como entender a origem do corpo docente. Em relação ao corpo docente, ainda procurou-se saber se os mesmos vinham do Instituto Histórico Geográfico (IHG), do Liceu Piauiense, das escolas religiosas ou da Faculdade de Direito do Piauí. Além disso, procurou-se compreender a formação dos professores formadores.

A entrevistada Rosa salientou que em sua maioria os alunos eram do próprio estado do Piauí. Destaca que os professores proviam do Liceu Piauiense, que era "referência de ensino no Piauí". No que se refere à formação dos professores, apontou que maioria possuía formação superior em cursos de direito, filosofia e engenharia. A entrevistada Orquídea confirmou o que a Rosa já havia respondido em relação à origem dos alunos, dizendo que em sua maioria eram piauienses, com alunos oriundos desde a cidade de Corrente (sul do Piauí), até Parnaíba (norte do Piauí), sendo ela própria da cidade de Oeiras. Em relação à origem dos professores, destacou que a

maioria fez cursos fora do Piauí e outros eram ex-alunos da FAFI. Além disso, destaca que para suprir a necessidade de professores contratavam-se profissionais com várias formações, como engenheiros, médicos, geógrafos, economistas, padres, etc. Ainda acrescentou que não sabia responder se além da graduação, os professores possuíam outros graus, como especialização, mestrado ou doutorado. Com esse dado, pode-se perceber a carência do curso de Geografia da FAFI em se ter professores formados em Geografia para ministrarem aulas na instituição. Além disso, reflete a necessidade que se tinha na época de se formar professores para trabalhar no ensino secundário, mesmo que esses não fossem alunos de profissionais formados em Geografia, ou seja, que apenas tivessem notório saber.

Além disso, em Abreu e Araújo (2018) é possível encontrar-se nomes de alguns professores de Geografia da época, como João Alfredo Ferreira (*in memoria*), João Gabriel Baptista (*in memoria*), José Camilo da Silveira Filho (*in memoria*) e Delfina Borralho Boavista (*in memoria*). Abreu (2020) ainda pontua, referindo-se aos professores da FAFI, que estes “eram o que de melhor havia nos meios intelectuais do Piauí”.

A terceira categoria elaborada trata sobre os “métodos e técnicas de ensino” utilizadas pelos professores de Geografia da época. A entrevistada Rosa destacou que quanto a essa categoria o ensino era tradicional com aulas expositivas. A entrevistada Orquídea destacou a presença de aulas teóricas, trabalhos de pesquisa e aulas práticas. Lembrou-se de uma aula dentro da disciplina Geografia do Piauí, na época ministrada pelo professor João Gabriel Baptista (*in memoria*), onde realizou-se uma excursão para Sete Cidades e ao açude caldeirão, onde na época havia um projeto do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS). Abreu e Araújo (2018) e Abreu (2020) destacam que as aulas se desenvolviam a partir do método de exposição e da descrição dos fenômenos da natureza e da sociedade. Esse dado revela o caráter da Geografia da época, onde se pode inferir que o processo de ensino-aprendizagem era centrado na ação dos

professores. Sendo uma Geografia neutra, da descrição, da demonstração e da memorização (Suertegaray, 1997; Moraes, 2007).

No que se refere à categoria “currículo”, procurou-se saber quais disciplinas estavam presentes no mesmo, além de se entender o que se discutia nas disciplinas de caráter religioso. Como salientou-se acima, os primeiros seis anos de formação de professores de Geografia se deu na modalidade de bacharelado e encontrava-se dividido em três séries. Além disso, o curso de Geografia, durante seus primeiros anos, funcionou de forma integrada ao curso de História, formando, portanto, um único curso. Rêgo e Magalhães (1991), ao elaborarem um trabalho sobre o curso de Letras da FAFI, trazem as disciplinas que compunham o currículo de Geografia, quando este estava dividido em três séries. Com base nessas autoras, organizou-se o Quadro 1 abaixo, trazendo as disciplinas presentes em cada série.

Quadro 1 – Disciplinas do Curso de Geografia e História da FAFI (1958 – 1963)

PRIMEIRA SÉRIE	SEGUNDA SÉRIE	TERCEIRA SÉRIE
Geografia Física	Geografia Física	Geografia do Brasil
Geografia Humana	Geografia Humana	História Contemporânea
Antropologia	História Moderna	História do Brasil
História da Antiguidade e da Idade Média	História do Brasil	História da América
Introdução à Filosofia	Etnografia	Etnografia do Brasil
Introdução à Teologia	Teologia Dogmática	Teologia Moral

Fonte: Rêgo e Magalhães (1991). Organizado por: Carvalho (2021).

Ao analisar-se o quadro, percebe-se a presença de cinco disciplinas ligadas à Geografia e um peso maior dado às disciplinas da área de História. Além disso, verifica-se a divisão dessas disciplinas em Geografia Humana e Geografia Física, mostrando a presença da dualidade da Geografia, característica tão forte da Geografia Tradicional (Moraes, 2007).

Passando para as respostas obtidas através do questionário para essa categoria do currículo, a entrevistada Rosa citou a presença das disciplinas de Teologia e Doutrina Social da Igreja, Geografia Humana e Física, Antropologia Física e Social, sem mencionar o que era discutido nas disciplinas

religiosas. A entrevistada Orquídea citou que no currículo estavam presentes as disciplinas de Geografia Econômica, Geografia Regional, Geografia Biológica, Geografia do Brasil, Geografia do Piauí, Didática, Prática de Ensino, Administração Escolar Antropologia Cultural, Filosofia, Teologia, Doutrina Social da Igreja, etc. Destacou que na disciplina de Teologia estudavam-se os ensinamentos de Jesus Cristo, tendo em vista a formação cristã do professor para o exercício responsável de sua profissão. Na disciplina Doutrina Social da Igreja se discutia documentos da igreja, em especial as encíclicas, que abordavam questões sociais da época. Ao falar sobre o currículo, Abreu e Araújo (2018) ainda pontuam que esse possuía um caráter “clássico, com visão humanista e pautado em preceitos da religião cristã católica, seguindo as propostas **positivistas** [...]” (grifo nosso).

Isso revela um caráter de neutralidade do currículo, sendo também um indicativo da Geografia Tradicional. Moraes (2007) aborda que Karl Ritter trazia em seus estudos a presença da religião, pois acreditava que todos os lugares seriam da forma que se apresentavam a partir da determinação de Deus.

Percebe-se, ainda, um número maior de disciplinas em relação aos primeiros anos, e a inserção de disciplinas ligadas ao campo da Didática. Isso se deu em função da dificuldade enfrentada pelos primeiros formados de encontrar trabalho na área da docência. Esse quadro mudou a partir de 1963, quando foi solicitado ao MEC, a liberação para se ofertar mais um ano com disciplinas da área da Didática e passar-se a formar licenciados. Com isso, os cursos da FAFI passaram a ter quatro anos, funcionando a partir do modelo 3 + 1, onde os discentes cursavam três anos de disciplinas específicas mais um ano de disciplinas do campo da Didática (Rêgo; Magalhães, 1991).

A quinta categoria criada se refere ao “referencial teórico” que embasava o curso de Geografia da FAFI. Nessa categoria procurou-se compreender as referências utilizadas com mais frequência, a presença de referências estrangeiras, e o uso de referências vindas da USP, AGB ou IBGE. A

entrevistada Rosa salientou o uso de Emmanuel de Martonne como sendo a referência utilizada com mais frequência e como referência estrangeira. Afirmou que as referências da USP, AGB e IBGE, não eram utilizadas devido à dificuldade de comunicação. Já a entrevistada Orquídea salientou que entre as referências mais utilizadas estavam Aroldo de Azevedo e Pedro Pinchas Geiger. Além desses, citou Julierme como referência estrangeira utilizada da disciplina de Geografia Física. Em relação as referências vindas da USP, AGB e IBGE destacou as referências do IBGE adquiridas no próprio órgão. Além disso, afirmou que o professor João Gabriel Baptista era o destaque em apresentar novas publicações na área de Geografia, além de se dispor a encomendá-las caso os alunos precisassem. Com base em Abreu e Araújo (2018) e Abreu (2020), as referências utilizadas no curso de Geografia da FAFI eram referências clássicas e de matriz francesa. Esses dados revelam de certo modo a força da Geografia francesa dentro do Brasil, sobretudo a partir da importação de geógrafos franceses que vieram para USP, a partir da década de 1930 (Rocha, 2000; Sampaio; Vlache; Sampaio, 2012). Além disso, expressam que o fato de se ter pouco contato com instituições e órgãos de outros estados e de grande destaque na época, mostram que a Geografia da FAFI era uma Geografia “endógena”, ou seja, realizada no Piauí e para o Piauí.

Na sexta categoria procurou-se tratar sobre como as “máximas e princípios da Geografia” estavam presentes no curso de Geografia da FAFI. Entre as máximas destacaram-se no questionário “A Geografia é uma ciência de síntese” e “A Geografia é uma ciência de contato entre as ciências humanas e as ciências da natureza”, além de outras que poderiam ser lembradas. Já entre os princípios foram perguntados sobre os da Analogia, Conexão, Diferenciação, Distribuição, Extensão, Localização e Ordem.

A entrevistada Rosa destacou que as máximas e princípios não eram explicitados, mas lembrou que os mesmos faziam parte do que era transmitido. A entrevistada Orquídea afirmou que as máximas não estavam

presentes, somente os princípios. Esse dado torna-se relevante, uma vez que para Moraes (2007), as máximas e princípios são características marcantes da Geografia Tradicional, sendo responsáveis pela geração das dicotomias presentes na Geografia, gerando a separação da análise Geográfica, a partir de duas Geografias. Por exemplo, Geografia Física versus Geografia Humana, que apareceram nas disciplinas do currículo já destacado anteriormente.

Na categoria “eventos científicos e trabalho de campo” buscou-se entender como se dava a participação de professores e alunos de Geografia da FAFI em eventos, além da realização de trabalhos de campo. A entrevistada Rosa destacou que muito raramente havia eventos e geralmente aconteciam em forma de palestras. Já a entrevistada Orquídea citou como evento a semana pedagógica, onde os alunos apresentavam resultados de seus trabalhos, além de se fazerem lançamentos de livros, apresentações literárias e artísticas, etc. Em relação ao trabalho de campo citou o já mencionado realizado em Sete Cidades e ao açude caldeirão, com o professor João Gabriel Baptista. Lembrou-se de outra excursão organizada pelo grêmio estudantil da FAFI à barragem de Boa Esperança, que estava em construção: “Acredite que nós todos atravessamos os túneis por onde, hoje, escoam as águas da barragem. Foi muito emocionante”. A realização de trabalhos de campo é dado que revela a presença da Geografia Tradicional no curso de Geografia da FAFI, tendo em vista que a técnica da observação unida ao método intuitivo são características herdadas da Geografia Tradicional, pois é a partir daí que se pode realizar a descrição e o consequente conhecimento dos lugares (Moraes, 2007).

Dado isso, chega-se, então, à última categoria, que trata do “convívio social” no âmbito da FAFI. A entrevistada Rosa destaca que sente saudades do convívio com os colegas “e da própria inserção da Fafi no contexto de Teresina, cidade pacata onde ser aluno da instituição representava conhecimento diferenciado e possibilidade de ser professor” (grifo nosso). Em

relação à entrevistada Orquídea se destacará na íntegra sua resposta em relação ao convívio dos tempos da FAFI, onde essa diz sentir saudades:

Daquele clima amigo da turma que se perdeu quando foi instituído esse regime de créditos na universidade. Também sinto saudades daquela amizade respeitosa entre alunos e professores. Posso dizer que, no espaço do meu coração a FAFI tem um lugar especial. E, por isso, senti-me muito feliz quando fui convidada para ser professora da FAFI. Agradeço ao padre Raimundo José Ayremorais Soares pela oportunidade a mim oferecida e procurei dar o melhor de mim no exercício do magistério na querida e saudosa FAFI.

Com isso, percebe-se que embora tenha-se verificado a presença da Geografia Tradicional no curso de Geografia da FAFI, essa instituição teve um papel importante na vida desses alunos e na sociedade piauiense em geral. A instituição foi um divisor de águas, em vários aspectos dentro do Piauí. Variando desde os aspectos culturais, até os sociais e econômicos, além de ser o “ventre” das licenciaturas do Piauí, dentre elas a Geografia. A FAFI e seu curso de Geografia representaram os primeiros passos da construção e consolidação do campo da Geografia no estado do Piauí, principalmente no que se refere à formação de professores e de profissionais geógrafos.

Atualmente, o curso de Geografia encontra-se presente nas duas instituições de ensino superior públicas do estado do Piauí. Sendo elas: a Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Estadual do Piauí (UESPI), que funcionam nos seus vários campi distribuídos pela capital e pelo interior. Além da modalidade presencial, o curso de Geografia também é ofertado na modalidade à distância, entre os vários polos presentes no estado. A Geografia piauiense também está presente na pós-graduação, tanto no nível de especialização, quanto de mestrado, o que significa uma grande contribuição do ponto de vista da formação de professores para atuarem na educação básica e superior, além das várias produções científicas realizadas todos os anos, que consolidam o saber geográfico no estado e contribui para a leitura de vários espaços a partir do viés geográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a história de uma ciência em seus diferentes contextos permite saber como a mesma se desenvolveu e o que mudou ou permaneceu ao longo do tempo. Na pesquisa aqui empreendida, debruçou em analisar o contexto acadêmico da institucionalização da Geografia no Piauí, verificar dados sobre as características do primeiro curso de formação de professores nesse estado, bem como a corrente do pensamento geográfico que embasava o curso.

Desse modo, verificou-se que o contexto da institucionalização dessa ciência no Piauí, se deu com o funcionamento, a partir de 1958, da FAFI, que na época foi criada através de projetos da Sociedade Piauiense de Cultura, sob direção do arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela. A forma de ingresso no curso dava-se através de exame de vestibular, tendo inicialmente a duração de três anos e dividido em três séries. A partir de 1963 essa situação mudou, com a inserção de disciplinas do campo da Didática, onde o curso passou a ter duração de quatro, a partir do modelo 3+1, em que os alunos cursavam três anos de disciplinas específicas mais um ano de disciplinas pedagógicas.

A pesquisa mostrou também que a grande maioria dos alunos era do estado do Piauí, de cidades que iam de sul ao norte estado, como Corrente e Parnaíba, respectivamente. Acerca dos professores, estes possuíam formações diferenciadas, como Medicina, Direito, Engenharia e Economia, além de padres. Vinham principalmente do Liceu Piauiense, que na época reunia professores de grande destaque na cidade de Teresina.

As aulas se desenvolviam a partir de metodologias tradicionais, como o método de exposição verbal. Para isso, utilizavam-se de referências de matriz francesa, clássicas estrangeiras e brasileiras, como Emmanuel de Martonne, Aroldo de Azevedo e Pedro Pinchas Geiger.

O currículo apresentava visão humanista, era clássico e se desenvolvia a partir de embasamentos da religião católica, apresentando disciplinas

como Teologia e Doutrina Social da Igreja. Além disso, apresentava disciplinas como Geografia Física, Geografia Humana, Geografia do Brasil, Geografia do Piauí, Geografia Econômica, Geografia Regional e outras. Essas disciplinas contidas no currículo indicam a presença das dualidades presentes na Geografia, que se manifestam até hoje, dando pistas sobre a presença da Geografia Tradicional.

Além disso, procurou-se identificar a presença das máximas e princípios da Geografia, que são características marcantes da Geografia Tradicional. Com isso, verificou-se que as máximas e princípios estavam presentes, mas não eram explicitadas.

Outro ponto identificado foi a realização de eventos e trabalhos de campo. Sobre os eventos, estes raramente aconteciam em forma de palestras, ganhando destaque a Semana Pedagógica. Acerca dos trabalhos de campos, ganharam destaque dos campos realizados em Sete Cidades e na construção da barragem de Boa Esperança. A realização de aulas de campos é herdada da Geografia Tradicional, principalmente nos primeiros anos de institucionalização da Geografia, quando se proponha o método de observação em campo e, através desta, se realizava a intuição. A partir disso, poderia se descrever e enumerar os fenômenos físicos e sociais contidos nas paisagens.

Dado isso, ressalta-se que quanto aos tempos da FAFI o que restou foi a saudade do convívio e do clima amigável e do respeito que se tinha entre professores e alunos. Além disso, a FAFI representou um divisor de águas no estado do Piauí, nos aspectos econômicos, sociais, culturais e do ponto de vista da formação de intelectuais para trabalharem da educação.

Por fim, salienta-se a importância de serem realizadas pesquisas mais aprofundadas sobre esse tema no Piauí. É necessário que docentes e discentes da graduação e pós-graduação em Geografia comprometam-se em entender a origem e evolução do ensino e da ciência geográfica piauiense, através de pesquisas nos colégios religiosos, no Instituto Histórico

Geográfico do Piauí (IHG), no Liceu Piauiense, nas secretarias do estado e municípios, nos departamentos das universidades, na Academia Piauiense de Letras (APL), etc. Tudo isso, visando construir um quadro sobre a história da Geografia piauiense.

REFERÊNCIAS

ABREU, I. G.; ARAÚJO, J. L. L. Trajetória do curso de graduação em geografia da UFPI, no Piauí, em seus 60 anos: Um pouco da trajetória do curso de geografia da UFPI, desde a FAFI, e seus primeiros momentos naquela instituição (mesa redonda). **Ciclo de Estudos em Geografia, Análise Ambiental e Educação**, Teresina, 22 e 23 nov. 2018

ABREU, I. G. Entrevista especial. **Humana Res**, Teresina, v. 1, n. 2, p. 175 – 181, jan./jul. 2020.

ANSELMO, R. de C. M. de S. A formação do professor de geografia e o contexto da formação nacional brasileira. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. (org.). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2015. p.247-253.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAICK, P. R.; BARRETO, A. **Estudar história**: das origens do homem à era digital. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

BRITO, I. S. **História da educação no Piauí**. Teresina: EDUFPI, 1996.

FERRO, M. do A. B.; NASCIMENTO, F. de A. de S.; SOUSA, L. L. de. **História da educação**: novos olhares velhas questões. Teresina: EDUFPI, 2009.

FREITAS FILHO, B. R. **História da Faculdade de Filosofia do Piauí**. Teresina: Graf. Ibiapina, 2003.

LACOSTE, Y. **A Geografia**: isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1989.

MELO, A. M. V. V. de. **Os alicerces da educação superior no Piauí**: Uma avaliação das experiências das faculdades de Direito e Católica no Piauí (1930 – 1970). 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

MENDES, F. I. V. **História da educação piauiense**. Sobral: EGUS, 2012.

MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

PEREIRA, M. das G. M. R. **O Curso de Filosofia da Faculdade Católica de Filosofia d Piauí (FAFI) no período de 1957 a 1970**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2003.

RÊGO, M. P. S. N. N.; MAGALHÃES, M. S. R. **O curso de Letras da UFPI: um fio da FAFI**. Teresina: EDUFPI, 1991.

ROCHA, G. O. R. da. Uma breve história da formação do(a) professor(a) de geografia no Brasil. **Terra Livre**, São Paulo, n. 15, p. 129-144, 2000.

RODRIGUES, A. de J. **Metodologia científica**: completo e essencial para a vida universitária. São Paulo: Avercamp, 2006.

SAMPAIO, A. A. M.; VLACH, V. R. F.; SAMPAIO, A. C. F. História da geografia escolar brasileira: continuando a discussão. In: VASCONCELLOS, L. G. F.; SAMPAIO, A. de A. M. (org.). **Geografia e anos iniciais do Ensino Fundamental**. Curitiba: CVR, 2012. p. 31-42.

SILVA, F. das C. R. da. Início da formação docente em nível superior no Piauí. **Tópicos Educacionais**, Recife, v. 21, n. 1, p. 90 – 115, 2015a. Disponível em: periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/22403. Acesso em: 28 jun. 2021.

SILVA, F. das C. R. da. O início da formação docente em geografia no Piauí: contextos, condições e processos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. **Anais eletrônicos [...]**. Presidente Prudente: UNESP, 2015b. p. 234–245. Disponível em: www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/1/24.pdf. Acesso em: 30 out. 2018.

SILVA, F. das C. R. da. **Trajetórias de formação de professores de geografia: interfaces com o saber ensinar**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

SOARES, N. P. L. **Escola Normal em Teresina (1864 -2003)**: reconstituindo uma memória da formação de professores. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2004.

SOUSA, F. M. de; BOMFIM, M. do C. A. do; PEREIRA, M. das G. M. R. (org.). **Anais do Seminário Presente do Passado**: a Faculdade Católica de Filosofia na história da educação do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2002.

SUERTEGARAY, D. M. A. A Geografia no contexto das ciências. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 22, n.1, p. 7-16, 1997.